

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA COMERCIAL E MANUFATUREIRO E O CRESCIMENTO URBANO NA IDADE MODERNA.

META

Apresentar a estrutura urbana na Idade Moderna, com suas características e relações sociais de produção.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

entender e exemplificar os acontecimentos da Idade Moderna, dando ênfase ao crescimento urbano e econômico das cidades.

diferenciar as características das relações de produção no capitalismo comercial e manufatureiro.

relacionar as mudanças que ocorrem na passagem da cidade comercial para uma relação de produção manufatureira.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado a Idade Média, as transformações ocorridas no modo de produção feudal e sua relação com o crescimento das cidades.



Quadro de Claude Lorraine que representa um porto de mar francês de 1638, no momento fundamental do mercantilismo (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA PRIMITIVO

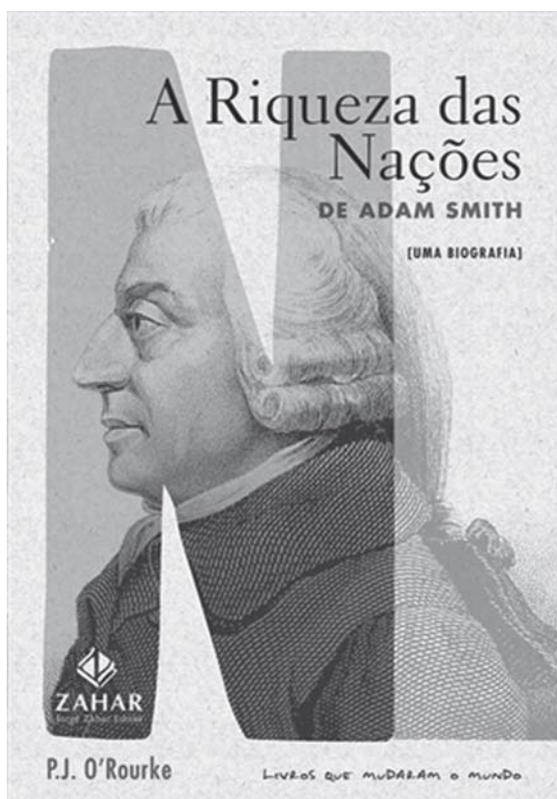
Caros alunos,

Nesta aula iremos estudar o modo de produção capitalista primitivo, ou seja, a primeira fase do capitalismo denominada comercial. Mais adiante, analisaremos a fase em que surgiram as primeiras corporações de ofício, quando o capitalismo começou a passar para a fase manufatureira.

Faremos um breve retrospecto das aulas passadas sobre a crise do sistema feudal, no final do séc. XV, com o crescimento das cidades e de seus mercados, quando as relações sociais de produção passam por sérias transformações que aprofundam a crise nos feudos. Ocorre uma intensa fuga dos servos para a cidade, aumentando consideravelmente suas populações. Neste sentido, era preciso requalificar a mão-de-obra para atender às necessidades dos mercados e do comércio com outras regiões. Tanto a necessidade de matéria-prima, quanto a necessidade de mão-de-obra na cidade fez com que as nações mais poderosas na época, como Portugal, Espanha e mais tarde Inglaterra, buscassem novas fontes de matéria-prima para acelerar a expansão comercial.

Também estudaremos nesta aula outra fase do capitalismo que é o manufatureiro. Esta fase é marcada pela reestruturação da mão-de-obra,

visto que o comércio tomou outra dimensão social, econômica e técnica. Nesta fase, o artesão vai perdendo sua importância e as corporações de ofício começam a controlar o comércio dos produtos. Estes artesãos são obrigados a se enquadrar na “especialização” da sua mão-de-obra e das suas técnicas de produção. Os produtos e peças artesanais passam a ser manufaturados, melhor trabalhados e com uma qualidade maior. Também a produção passa a ter o controle de quando produzir, quanto produzir e para quem produzir. Assim, neste período histórico, a terra perde o valor feudal e passa a ter o valor comercial. A partir da Idade Moderna, as áreas, tanto rurais quanto urbanas, além de terem o valor de uso, passam a ter também o seu valor de troca.



Capa do livro “A Riqueza das Nações” (Fonte: <http://www.livrariaresposta.com.br>).

O DESENVOLVIMENTO URBANO NA IDADE MODERNA

É muito interessante ver, nesta aula, os aspectos gerais da cidade na Idade Moderna. O processo de desenvolvimento urbano foi acentuado a partir da crise do sistema feudal. Entre os séculos XIV e XV, houve grandes dificuldades, como a guerra dos cem anos.

“A chamada Guerra dos Cem Anos foi travada entre a Inglaterra e a França, entre os anos de 1337 e 1453”.(TOTA – BASTOS, 1994, p.53)

Outros problemas, entre eles a peste negra, a tomada de Constantinopla pelos turcos e várias outras guerras favoreceram a ocorrência de transformações que marcaram a transição de uma época de estagnação dos mercados e das cidades, para uma época de aumento da população, da necessidade de mercados e de matéria-prima com o uso de uma mão-de-obra barata. Assim, as nações mais poderosas buscaram no aumento do mercado a saída para alcançar seus produtos. Então o mercantilismo começa a se estabelecer pela exploração e colonização das colônias na América, Ásia e África durante vários séculos.

Na Europa, os feudos perdem sua função econômica e política, tornando-se territórios comandados por monarcas que tinham o poder absoluto e determinavam as leis e os tributos, tanto para a população do reino, quanto para a que vivia ao redor deste.

Ainda neste período, a Igreja também entra em crise e ocorre a Reforma Protestante, o que favoreceu a renovação das idéias, mas o clero continuou ligado ao rei e, portanto, ao poder. No período entre os séculos XV e XVII surgem várias nações (reinados e ducados) que passam a protestar contra as determinações da Igreja e também de alguns reis. Estas críticas à ação do Estado fomentaram o surgimento do liberalismo econômico, com as idéias de Adam Smith, em a “Riqueza das Nações”, obra em que contestava os regimes autoritários e a falta de liberdade do homem, até nas relações comerciais.

A “Riqueza das Nações” foi publicada no final do séc. XVIII e teve grande importância para o séc. XIX, por influenciar outros pensadores, como podemos destacar da apresentação da coleção “Os Economistas”, no livro 1, sobre a vida de Adam Smith.

A importância da grande obra econômica de Adam Smith é usualmente definida pelos efeitos de sua influência como, alternativamente, o marco do início do enfoque científico dos fenômenos econômicos ou a Bíblia da irresistível vaga livre-cambista

do século XIX. Embora ambas as definições sejam apropriadas, é interessante que, preliminarmente à discussão desses aspectos metodológicos e políticos de *A Riqueza das Nações*, seja apresentado um roteiro de seus principais aspectos teóricos e normativos de modo a fornecer ao leitor uma visão integrada do conjunto de suas proposições analíticas, das quais a obra deriva sua característica adicional de fonte dos paradigmas teóricos sobre os quais foi construída a Economia Política clássica. (FRITSCH, 1996, P.9)

Muitas taxas e impostos cobrados na Idade Moderna, época em que se pregavam ideais de liberdade, provocaram revoltas por todo o território, num processo de mudanças e crescente urbanização da época.

A partir da Idade Moderna, iniciou-se um novo processo de evolução histórica, uma vez que apenas possuir terras – como no modo de produção feudal - não era mais um meio seguro de manutenção do poder. As relações sociais de exploração e dominação já exigiam formas de dominação mais fortes. Então, com a expansão da colonização européia, era necessário às nações que procurassem manter e ampliar o seu poder, partir em busca de novas conquistas territoriais. Aproximadamente entre os séculos XV e XVII, o feudalismo foi sumariamente substituído por outro modo de produção denominado de capitalismo, que de início foi chamado de capitalismo comercial, visto que as relações econômicas eram baseadas no comércio entre as Nações, “Metrópoles” e Colônias. Nesta época, o comércio expandiu-se por várias regiões, acelerando o processo de concentração de riquezas para a nobreza.

“A primeira etapa da acumulação capitalista é comumente chamada de acumulação primitiva. Realizada inicialmente por meio da transformação das relações de produção, surgimento do trabalho assalariado e concentração dos meios de produção nas mãos de poucos, seguidos da expansão capitalista”.(VICENTINO, 1991; 58).

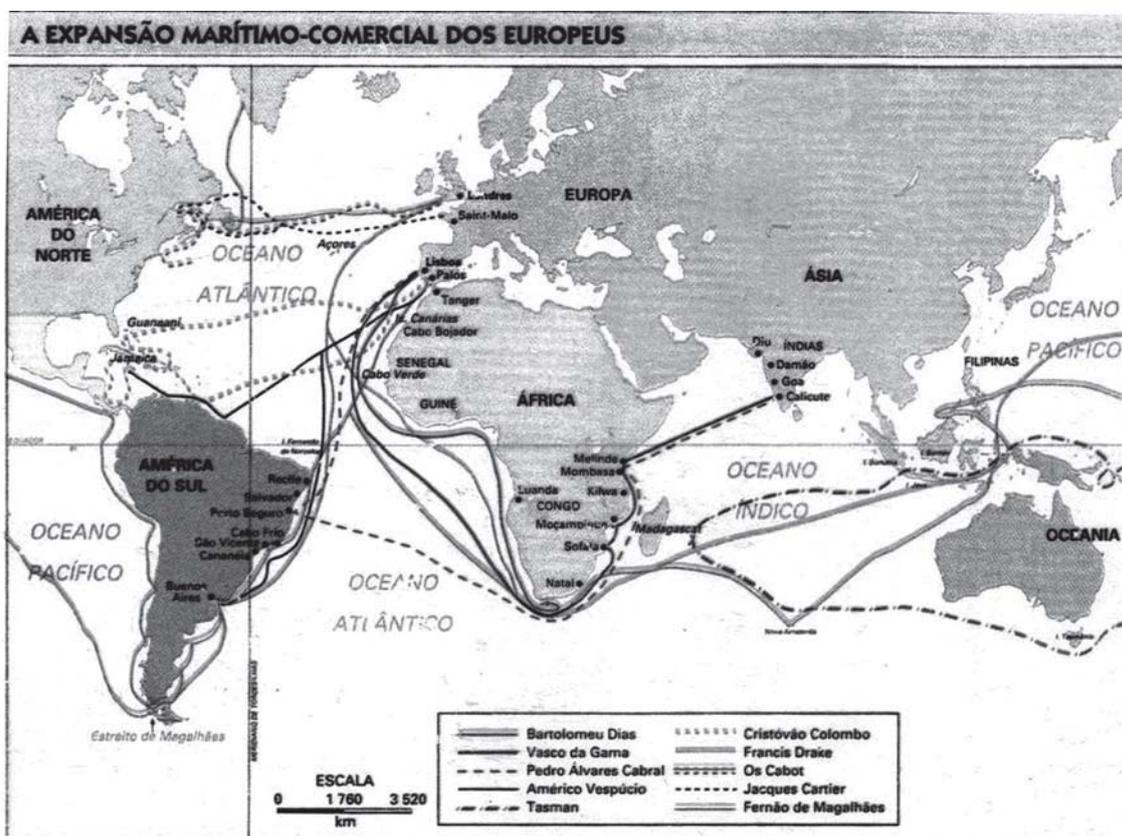
Com o surgimento do assalariado, as relações entre explorador e explorado tornaram-se mais marcantes, pois a grande maioria da população é destituída de quase tudo e vive como subumanos, não possuindo direitos, só deveres.

A acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva, porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista. (...) Marcam época, na história da acumulação primitiva, todas as transformações que servem de alavanca à coesa classe capitalista em formação, sobretudo aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbitas e violentamente, privadas de seus meios de subsistência, lançadas nos mercados de trabalho como levas de proletários destituídos de direitos. A exploração do produtor

rural e do camponês que ficam assim privados de suas terras constitui a base de todo o processo. (MARX; 1996, p.89)

Dentro desse contexto, as nações foram sendo estabelecidas conforme o passar do tempo, ampliando a dominação de uma minoria detentora dos meios de produção sobre a grande maioria destituída de terra e direitos civis básicos.

Antes da sedimentação do modo de produção capitalista, o domínio territorial foi sendo ampliado e concretizado, numa época, século XV, em que os limites territoriais foram sendo definidos. Nesse período, a América Latina e, em particular, o Brasil, estavam sendo colonizados por exploração. Podemos exemplificar este processo de colonização da América, África e de parte da Ásia com as grandes viagens de reconhecimento e depois de dominação, com a grande expansão marítimo-comercial dos europeus, durante os séculos XVI e XVII, como é mostrado neste mapa:



Vesentini, J. W. Geografia crítica. V. 13 p. 12. 1996. E Vlach, V.

O processo crescente de urbanização nos séculos XV, XVI e XVII é seguido pela sedimentação do capitalismo mercantil e pela estruturação político-social.

SPOSITO (2001; p.38) descreve muito bem que os estados nacionais absolutistas foram formados pela aliança entre a burguesia e o rei, o que favoreceu o processo de urbanização e o fim do monopólio feudal

sobre a produção de alimentos. Assim, a terra foi transformada em mercadoria, visto que os senhores feudais passaram a vendê-la ou arrendá-la.

Outro ponto importante foi que, para expandir a capacidade produtiva, os burgueses e aristocratas procuraram estimular a formação da manufatura; posteriormente, aumentaram a produção urbana com a organização de grupos de artesãos para produzirem em quantidade, com um mercado pré-definido e com a produção adequada. Ao lado do fortalecimento do rei, cresce uma classe que começa a exigir produtos de luxo e de artes. É neste contexto que a burguesia se consolida e faz acordos com os monarcas. Estes precisavam de dinheiro e de produtos da burguesia; portanto, planejaram a formação de uma moeda única e de impostos “oficiais,” para facilitar o controle das mercadorias, tornando-se mais poderosos.

O comércio com o Oriente estava ficando muito dispendioso, devido às tarifas cobradas pelos povos orientais (árabes, indianos e chineses), inclusive nas fronteiras entre os reinos. Assim, a burguesia, aliada aos reinos de Portugal e, mais tarde, da Espanha, buscam novas fontes de matéria-prima na América. O processo de produção do espaço urbano se acelera e as relações econômicas se diversificam, com o desenvolvimento do comércio a ser feito em vários países e continentes. Conforme descrito pelo livro do centro de estudos angolanos, os comerciantes ganharam muito dinheiro e passaram a emprestar aos produtores, que ficaram dependentes dos mercadores e do capital comercial.

Entretanto o comércio aumentou, estendeu-se e começou a haver um grande comércio internacional. Começou a haver cada vez mais necessidade de produtos para comercializar. O artesanato, baseado na produção individual, não podia satisfazer essas necessidades. Apareceu então, a manufatura que substituiu as oficinas dos artesãos. (CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS,1995, p.43))

O CAPITALISMO MANUFATUREIRO

Você notou que o capitalismo comercial se aprofundou, passando a ter outra conotação, agora de capitalismo manufatureiro? Pois é, produtos mais especializados são procurados e aumenta mais ainda a necessidade de trocas e comércio de produtos de outras regiões, diversificando e tornando a cidade mais atraente e o seu espaço interno construído mais valorizado e caro. Nesse sentido, as casas de andar se tornam mais comuns, pois o comerciante prefere morar no piso superior, para alugar ou vender o térreo. Assim, a arquitetura urbana vai-se delineando com formatos mais modernos e diferentes.

Foram construídas grandes fábricas (as manufaturas), tornando os artesãos assalariados; estes vendem sua força de trabalho aos burgueses

e a relação social de produção vai a outro patamar. A pequena “indústria” que era realizada nas casas sofre mudanças em sua produção, também pela necessidade de uma maior área para se produzir.

A produção de excedente, a possibilidade da troca e o uso do dinheiro dão aos artesãos oportunidade de abandonar a agricultura e viver de seu próprio ofício. Mas a diminuição da população agrícola ocorre em função de uma série de inovações agrícolas, tais como o afolhamento e a terra de pousio trienal; a introdução de aveia nessa rotação, o que sugere o uso de cavalos no lugar do trabalho bovino; a introdução do arado pesado. Assim, a agricultura propicia também um novo impulso ao crescimento demográfico e à especialização do trabalho. (CARLOS.1997.p.64-65)

A cidade mercantil ou manufatureira passa a ter uma função mais produtiva, diferente da cidade antiga e medieval, que concentrava mais poderes políticos e religiosos. A cidade, agora, com o aumento significativo de sua população, é mais um lugar de produção da mercadoria e de aprofundamento das relações sociais. Constatamos a sobreposição do poder econômico da cidade sobre o campo, que a partir de então se torna definitivo. A mão-de-obra, embora “livre”, é despossuída, pois os trabalhadores não detinham os meios de produção, apenas sua força de trabalho.

A cidade moderna (Idade Moderna) precisava de uma população mais qualificada, não por opção, mas por imposição do mercado interno e externo. Logo, o capitalismo, na Idade Moderna, deixa de ser mercantil para ser manufatureiro. A respeito disso, SPOSITO descreve.

Outro ponto a ser ressaltado é o desenvolvimento da especialização funcional e, portanto da divisão social do trabalho que se deu nas cidades mercantis; num primeiro momento, através da organização da produção artesanal nas corporações, e num segundo momento, de forma mais acentuada, com o desenvolvimento da manufatura. (2001;40)

Observe que, dentro desse contexto, o capitalismo se estrutura e as relações sociais de produção não acompanham o desenvolvimento das forças produtivas. Isto é inerente ao modo de produção capitalista, que se aprofunda e fortalece mais e mais uma sociedade formada por classes antagônicas. De um lado, a burguesia, com o apoio dos reis, forma as monarquias nacionais, que por sua vez vão formar governos centralizados e absolutistas. Neste período é criado o primeiro Estado: uma sociedade formada por rei, burgueses, nobres e representantes da Igreja. O Estado moderno se estabelece, dando por encerradas, em definitivo, as relações sociais, urbanas e econômicas feudais, aprofundando as relações comerciais com as corporações de ofícios. A partir daí, a manufatura passa a exigir nova qualificação da mão-de-obra proletária. Começava a se formar o proletariado urbano, propriamente dito. Assim, as forças produtivas evoluem para uma sociedade mais avançada. É neste contexto que vai ocorrer a primeira Revolução Industrial.

CONCLUSÃO

Como vimos, meu caro aluno, a cidade, na Idade Moderna, passa por várias transformações, quer sejam no seu formato, quer na sua arquitetura. A cidade moderna adquire um poder econômico e político maior que a cidade feudal. Com o mercantilismo e o processo de colonização, o poder econômico se aprofunda e ocorre um aumento populacional contínuo. Os mercados crescem e a divisão social do trabalho sofre outra mudança. O artesanato se organiza e passa a produzir em maior quantidade e melhor qualidade. A cidade passa de uma fase mercantil para outra mais especializada, chamada de manufatureira. A cidade moderna, no século XVII, já tem uma estrutura urbana mais definida e os muros que limitavam seu crescimento e sua proteção começam a perder o sentido. Portanto, o modo de produção capitalista se consolida na Europa e a colonização por exploração das colônias se expande por todo o Planeta.

RESUMO

Nesta aula, estudamos o processo de estruturação da cidade na Idade Moderna. Neste período, o modo de produção dominante era o capitalista, em sua forma primitiva, chamada de comercial. Ocorreram várias transformações nas cidades com o aumento do mercantilismo e paralelamente com a colonização de outras regiões em busca de matéria-prima. As relações de produção se transformaram e o artesão deixou de ser independente, tornando-se também empregado das corporações, onde a manufatura foi estabelecida e uma nova vertente de produtividade passou a ser definida. A cidade feudal e a terra perderam o sentido do valor de uso e agora, no capitalismo manufatureiro, passaram a aprofundar mais ainda o valor de troca. Além da terra, que tinha um valor de troca, a mão-de-obra camponesa passou a ser um trabalhador urbano. A cidade moderna começa a ter feições determinantes com o poder econômico e político maior e mais definitivo do que o campo. Várias guerras e rebeliões marcaram esta fase, tais como o Renascimento urbano, o Renascimento cultural, a Reforma protestante e a Contra-reforma, além de guerras, revoluções e guerras civis que moldaram o território europeu e definiram as nações poderosas e suas colônias. Neste sentido, entre os séculos XVI e XVIII ocorreram várias transformações na sociedade, no 'tecido' urbano e nas relações de produção que alteraram o processo de estruturação das cidades da manufatura para a fase industrial. Assim, as mudanças nas relações sociais de produção foram marcadas por inúmeras disputas e definições de nações, antes com grande vastidão territorial e mesclada de povos diversos e agora, na segunda metade do séc. XVIII, em estados mo-



dermos. Nações recebem nomes e territórios definidos, a exemplo de Portugal, Espanha, França (antes Gália). O mapa da Europa configura-se e torna-se conhecido como é atualmente; foi publicado e divulgado para o mundo “moderno” durante a Idade Moderna.

ATIVIDADES

Os alunos deverão estabelecer comparação entre os três tipos de cidade. A cidade antiga, a cidade medieval e a cidade moderna (mercantil/manufatureira), demonstrando as características principais de cada uma. Devem relacionar os aspectos econômicos, políticos e sociais deste período histórico e demonstrar como a organização do espaço urbano ficou estabelecida.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Aconselho a leitura da obra “Os Economistas”, no livro 1; Ainda recomendo a leitura do livro de Adam Smith: “A Riqueza das Nações”, que é uma obra de fundamental importância para a noção da propriedade, sobre o crescimento da produtividade do trabalho, sobre a divisão social do trabalho, sobre o grau de mercantilização, sobre as trocas, sobre a circulação das moedas na Idade Moderna e de vários outros temas de grande importância para o desenvolvimento urbano.

AUTO- AVALIAÇÃO

Sou capaz de estabelecer diferenças entre o modo de produção capitalista da fase inicial para a fase manufatureira? Compreendi as relações sociais na Idade Moderna e sua influência para a organização do espaço urbano?



PRÓXIMA AULA

Vamos estudar, na 5ª aula, a cidade no período do modo de produção capitalista industrial, a partir da Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra em meados do século XVIII.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. 3 ed. São Paulo: contexto. 1997.
- CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, **O que é a história da sociedade humana**. 7 ed. São Paulo: Global. 1995.
- FRITSCH, Winston, Adam Smith: **A riqueza das nações**, v. 1, São Paulo: 1996.
- MARX, Karl. **O capital: crítica a economia política: Livro I**, 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto. 2001.
- TOTA, Antonio Pedro; BASTOS, Pedro Ivo de Assis. **História Geral** (novo manual, nova cultural), São Paulo: Nova cultural. 1994.
- VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. São Paulo: Ática, 1991.